

RICHARD  
OSMAN



i  
inrinseca

O Clube do  
CRIME  
das Quintas-Feiras

# O Clube do Crime das Quintas-Feiras

Richard Osman

Tradução de Jaime Biaggio



Copyright © 2020 by Richard Osman

TÍTULO ORIGINAL

The Thursday Murder Club

REVISÃO

Juliana Souza

Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O91c

Osman, Richard, 1970-

O clube do crime das quintas-feiras / Richard Osman ; [tradução Jaime Biaggio]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.  
400 p. ; 23 cm.

Tradução de: The thursday murder club

ISBN 978-65-5560-178-7

978-65-5560-070-4 [ci]

1. Romance inglês. I. Biaggio, Jaime. II. Título.

20-68397

CDD: 823

CDU: 82-31(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

*Joyce*

Bem, que tal começar com a Elizabeth? E aí vemos até onde isso nos leva.

Eu a conhecia, claro; todo mundo aqui conhece a Elizabeth. Um dos apartamentos de três quartos em Larkin Court é dela. O da esquina, aquele com um deque, sabe? E eu também já estive numa equipe de quiz com o Stephen, que, por uma série de razões, é o terceiro marido da Elizabeth.

Era hora do almoço. Isso tem dois ou três meses e deve ter sido numa segunda-feira, porque a comida era escondidinho. Elizabeth disse que, embora eu estivesse comendo, queria me fazer uma pergunta sobre ferimentos a faca, se não fosse inconveniente.

Eu disse “De forma alguma, por favor” ou algo assim. Nem sempre me lembro de tudo com clareza, é bom avisar desde já. Ela então abriu uma pasta de papel pardo e eu vi algumas folhas datilografadas e as bordas de algo que pareciam fotografias antigas. E daí foi direto ao assunto.

Elizabeth me pediu para imaginar que uma moça havia sido esfaqueada. Perguntei com que tipo de faca e ela respondeu que provavelmente uma faca normal de cozinha. Tipo John Lewis. Isso ela não disse, foi como eu visualizei. Pediu então que eu imaginasse que a moça teria sido esfaqueada três ou quatro vezes logo abaixo do esterno. Uma estocada atrás da outra, bem medonho, mas sem atingir nenhuma artéria. Falou tudo de forma bem discreta, pois as pessoas estavam comendo e ela tem limites.

Então lá estava eu imaginando ferimentos a faca, e Elizabeth quis saber quanto tempo levaria para que a moça morresse de tanto sangrar.

Aliás, acho que eu devia ter mencionado o fato de ter sido enfermeira por muitos anos, caso contrário nada disso fará sentido algum para vocês. Elizabeth deve ter ouvido falar disso em algum lugar. Elizabeth sabe de tudo. Enfim, foi por essa razão que ela me procurou. Vocês devem estar se perguntando qual é a dessa história. Eu vou chegar ao ponto, juro.

Lembro de ter limpado a boca com o guardanapo antes de responder, como fazem as pessoas na televisão às vezes. Faz a gente parecer mais inteligente, experimentem só. Perguntei quanto a moça pesava.

Elizabeth encontrou a informação na sua pasta e, seguindo com o dedo, leu em voz alta que eram quarenta e seis quilos. O que nos derrubou, pois nem eu nem ela tínhamos certeza do que aquilo significava. Pensei lá comigo se não equivaleria a vinte e três *stones*. A proporção devia ser de dois para um. Apesar de eu achar que podia estar fazendo confusão com a diferença entre polegadas e centímetros.

Elizabeth me informou que a moça certamente não pesava vinte e três *stones*, pois havia uma foto do cadáver na pasta. Deu um tapinha nela para me mostrar antes de voltar sua atenção para o ambiente e dizer:

— Alguém pode perguntar ao Bernard quanto é quarenta e seis quilos?

Bernard sempre se senta sozinho numa das mesas menores mais perto do pátio. A Mesa 8. Você não precisa dessas informações, mas vou falar um pouco sobre o Bernard.

Bernard Cottle foi muito gentil comigo na época em que cheguei a Coopers Chase. Comprou para mim uma muda de trepadeira e me explicou o cronograma de reciclagem. As lixeiras aqui têm quatro cores diferentes. Quatro! Graças ao Bernard, sei que as verdes são para vidro e as azuis para papelão e papel. Quanto às vermelhas e às pretas, sei tanto quanto vocês. Já vi de tudo dentro dessas. Alguém até já enfiou uma máquina de fax numa delas.

Bernard foi professor de alguma coisa científica e trabalhou no mundo todo, tendo inclusive ido a Dubai antes de qualquer pessoa ouvir falar de lá. Como de costume, ele estava almoçando de terno e gravata, mas ainda assim lia o *Daily Express*. Sentada na mesa ao lado, a Mary de Ruskin Court atraiu sua atenção e perguntou a ele qual o equivalente local a quarenta e seis quilos.

Bernard assentiu e gritou para Elizabeth:

— É 7.3 *stones* e uns quebrados!

Esse é o Bernard.

Elizabeth agradeceu e disse achar que era isso mesmo, e Bernard voltou para suas palavras cruzadas. Depois fui buscar informações sobre polegadas e centímetros, e ao menos quanto a isso eu estava certa.

Elizabeth voltou à questão. Quanto tempo viveria a moça golpeada com a faca da cozinha? Chutei que, sem atendimento, ela provavelmente morreria em cerca de quarenta e cinco minutos.

— Está bem então, Joyce — disse ela, e emendou outra pergunta.

E se a moça tivesse recebido assistência? Não de um médico, só de alguém capaz de fazer um curativo. Alguém que tivesse servido no Exército, de repente. Esse tipo de pessoa.

Já vi um monte de ferimentos a faca nesta vida. Nem só de tornozelos torcidos era feito meu trabalho. Respondi que, neste caso, ela não morreria. E era fato. Não seria nada legal para a moça, mas era um curativo fácil de fazer.

Elizabeth só fazia que sim com a cabeça e dizia ter sido precisamente o que dissera a Ibrahim, embora na época eu não o conhecesse. Como falei, isso tem alguns meses.

Aquilo não parecia nem um pouco certo para Elizabeth. Achava que o assassino era o namorado. Sei que isso ainda acontece muito. A gente lê a respeito.

Creio que antes de me mudar para cá eu teria achado toda essa conversa estranha, mas depois que se conhece o pessoal daqui vira uma coisa das mais normais. Semana passada, conheci o homem

que inventou o sorvete de menta com gotas de chocolate. Ao menos é o que ele diz. Não tenho como checar se é verdade.

Fiquei feliz de poder ajudar a Elizabeth o pouco que fosse, então decidi pedir-lhe um favor. Perguntei se por acaso eu poderia dar uma olhada na foto do cadáver. Por puro interesse profissional.

Elizabeth ficou radiante, do jeito que o povo daqui fica quando você pede para ver as fotos da formatura dos seus netos. Tirou da pasta uma cópia em papel A4, pousou-a sobre a mesa na minha frente, virada para baixo, e disse que eu podia ficar com aquela, pois todos tinham cópias.

Eu respondi que era muita bondade da parte dela e ela disse que de maneira alguma, mas que estava pensando se poderia me fazer uma última pergunta.

— Claro — respondi.

E ela disse então:

— Você costuma estar livre às quintas-feiras?

E foi assim, acreditem se quiser, que eu ouvi falar pela primeira vez das Quintas-Feiras.

**Toda quinta, em um retiro para aposentados no sudeste da Inglaterra, quatro idosos se reúnem para – segundo consta na agenda da sala de reunião – discutir ópera japonesa.**

Mas não é bem isso que acontece ali dentro. Elizabeth, Ibrahim, Joyce e Ron usam o horário para debater casos policiais antigos sem solução, confiantes de que podem trazer justiça às vítimas e encontrar os responsáveis por algumas daquelas atrocidades do passado.

Com todos os integrantes acima dos setenta anos, o *Clube do Crime das Quintas-Feiras* não é a equipe de detetives mais convencional em que se conseguiria pensar, mas com certeza está mais do que acostumada a fortes emoções. Afinal, Joyce foi enfermeira por décadas, Ibrahim ajudou pacientes psiquiátricos em situações difíceis, Ron era um reconhecido líder sindical e Elizabeth... bom, digamos que assassinatos e redes de contatos sigilosas não eram nenhuma novidade para ela.

Quando um empreiteiro local com projetos bastante questionáveis na cidade aparece morto, o grupo tem a oportunidade de seguir as pistas de um caso atual. Apostando em seus semblantes inocentes e habilidades investigativas estranhamente eficazes — além de trocas de favores clandestinas com a polícia, que, apesar de todos os esforços, parece estar sempre um passo atrás de seus colegas amadores —, os quatro amigos embarcam em uma aventura na qual as mortes do presente se entrelaçam com antigos segredos, e em que saber demais pode trazer consequências perigosas.

**SAIBA MAIS EM:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1063/>